

SOBRE A EXPERIÊNCIA DO CIRCO SOCIAL NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DAS JUVENTUDES

Maria Dilma Andrade Vieira dos Santos - UFPI

RESUMO

Compreendendo a relevância: da construção de outra ambiência educacional, que respeite as diversidades e as identidades; da conexão entre as culturas, os saberes e os fazeres; das diversas linguagens utilizadas pelas juventudes; e, observando, ainda, a proliferação de jovens utilizando a arte circense para imprimir no cenário urbano suas identidades, exprimir seus saberes, suas vivências, aliando o prazer, o perigo e a possibilidade de, por meio das exposições, terem um retorno financeiro, é que me proponho, na minha pesquisa de mestrado, a trilhar os espaços do Circo Social e a investigar as dimensões dessa prática. Este trabalho tem por objetivo expor meu projeto de pesquisa do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí, biênio 2012/2013, ancorado na Linha B: Políticas Públicas, Movimentos Sociais e História da Educação, sob orientação da professora doutora Shara Jane Holanda Costa Adad, cujo tema é: **Jovens na Corda Bamba - Juventudes e o cotidiano das práticas do Circo Social como elemento constitutivo de suas identidades**. A proposta desta comunicação é estabelecer uma possível relação entre as práticas educativas e o processo de formação humana desenvolvidos pelos projetos de Circo Social em Teresina, bem como de analisar as dimensões do ensinar e do aprender na dinâmica corpo/trabalho/espetáculo. Abordo a necessidade de o espaço educativo proporcionar aos jovens conhecimentos imbuídos de experiências, ou seja, teoria e prática, para se transformar na práxis que dará a eles as competências e as referências para atuarem no mundo como cidadãos, e referendo a arte como elemento potencializador desses saberes. O debate sobre o tema se reveste de grande importância e se constitui instrumento para repensar o espaço escolar, o currículo e a prática educativa; fornecer elementos para o desvelamento dos aspectos que constituem a formação identitária das juventudes; e repensar a Educação a partir do par experiência/sentido, tomando como referência os estudos de Adad (2011), Cassoli (2006), Larrosa (2010) e outros.

Palavras-chave: Circo Social. Juventudes. Experiências. Identidades.

Equilibrista

Calcanhar e dedão
 Cal, cama
 Calcanhar e dedão
 Caos, calma
 Equilibrô, equilibrô

Equilibrou o corpo no passo, no tempo-espaco,
 No compasso e no silêncio
 E foi-se indo sem saber se assim se ia e assim se foi
 Pisou com o pé direito e, em seguida, com o esquerdo
 E descobriu que o chão vem vindo
 Na medida
 Em que se anda, caminha, se pisa na sua
 Em que se bate pé, bate pé, bate pé
 Em que se manda, se vira e se volta da rua
 Em que se bate pé, bate pé, bate pé

Equilibrista, equilibrista
 (Sombaguá)

O equilíbrio no caos

No ritmo acelerado da cidade, um semáforo nos impõe uma parada obrigatória. É aí que surgem se equilibrando do alto de pernas de pau, jovens de rostos esbranquiçados pela maquiagem. Buscam nossa atenção exibindo sua expertise com os malabares ou cuspidos fogo, produzindo ali, diariamente, no palco aberto dos cruzamentos, um espetáculo semafórico para uma plateia absorta em outros pensamentos.

A rua, espaço e palco das experiências sociais e estéticas, é, para estes jovens, palco e picadeiro, e nós, cegos espectadores de olhares distraídos, fixos, na ânsia de tornarmos a nossos afazeres, muitas vezes não nos permitimos fruir, sair do nosso território, do nosso lugar-comum. Estamos tão acostumados ao ritmo frenético do trânsito, das ruas, da cidade em movimento, que nos passa despercebido o outro. Adad (2011, p. 70) transcreve em suas observações, sensação similar:

Desse modo, toda a excessividade das ruas, sua agitação e o caos provocaram um bombardeamento do meu olhar fixo ao qual fui habituada, e um outro olhar, em movimento, faz-se premente. Este bombardeio do olhar, portanto, é imanente à cidade movimento. Nela tudo se dissolve no ar a cada instante, pois as ruas da cidade – palco dos confrontos – vive de sua

ambiguidade, da pluralidade das situações, do interesse do “aqui e agora”, do jogo, do curto-circuito.

Percebo, assim, que há uma ligação entre as ruas da cidade, o corpo destes jovens e a arte que propõem. Essa ligação provoca-nos sensações, produz sentidos, assim como nos fala Larrosa (2010) sobre a experiência e o saber da experiência como “algo que nos toca, nos acontece” por nos tirar da anestesia e do excesso de informação a que estamos submetidos atualmente, impedindo-nos de viver novas experiências. Para o referido autor, a informação é fugaz, rápida, fragmentada, e a obsessão por ela nos transforma em sujeitos reféns da velocidade, da excitação, do saber. Já a experiência demanda tempo, silêncio, espaço. Requer parar para pensar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os ouvidos, aprender a lentidão, escutar os outros e buscar o equilíbrio no caos.

Para Larrosa (2010), "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca". Dessa maneira, a experiência está diretamente relacionada com o que sentimos, com o que se dá ao percebermos o outro. Trata da possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto quase impossível nos tempos atuais.

Esse instante artístico, milimetricamente calculado entre o espaço/tempo semaforico, é arte-produção do corpo juvenil, que busca vencer os desafios que a vida lhe impõe. Do alto da perna de pau, esses jovens desafiam não apenas a gravidade, mas, também, os problemas e obstáculos da vida, potencializando cada vez mais a compreensão do seu estar no mundo. Ao pintar o rosto, mascaram e riem (dos nossos e dos seus) medos, saberes e verdades impostas. Com a precisão dos gestos, superam os limites humanos, a pobreza, a invisibilidade social e trazem para o mundo, o corpo como obra de arte, como matéria de trabalho. A perfeição do movimento do corpo e o domínio de si mesmo nos números se fazem como uma obrigação de trabalho, e mais ainda como sua fonte vital e cada espetáculo se constitui em uma obra de arte em andamento, um devir constante.

Muitos desses jovens são provenientes da periferia de Teresina e como diz a letra da música apresentada na epígrafe deste trabalho, no meio do caos urbano, fazem da rua o lugar/espaço de se virar, de se fazer ver e notar. A arte que nos apresentam foi apreendida em projetos sociais desenvolvidos por ONG'S nestas periferias e buscam trazer à cena saberes que antes, invisíveis, vão sendo traduzidos em múltiplos aportes culturais, tão necessários no diálogo com a escola, com a família, com a comunidade e seus pares. Estes jovens artistas de

rua esbanjam alternativas de economia criativa e cadeias culturais que se multiplicam e começam a piscar nos semáforos da maioria das nossas grandes cidades.

O Circo Social e a Pedagogia do Riso: um desafio

"O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida".

(Foucault)

O Circo Social¹ é um espaço não formal de Educação. O projeto, de caráter filantrópico, presente em vários municípios brasileiros, busca por meio da arte-educação, priorizando as artes circenses e utilizando metodologias e práticas pedagógicas diferenciadas, construir novos saberes para jovens de classes populares. Para Cassoli, "As práticas de Circo Social não objetivam o espetáculo como no circo, mas combinam finalidades de Educação e de assistência social com saberes populares herdados dos saltimbancos..." (2006, p. 62).

Os projetos de Circo Social buscam restaurar os corpos cindidos do mundo atual por meio da dimensão artística do processo de aprendizagem, ao estimular a invenção, a produção de sentidos, a interação entre os corpos e o riso, potencializando diversas formas de expressão humana, ativando as esferas intuitivas, inventivas e afetivas do jovem. Essas iniciativas que se apresentam como ações afirmativas, têm colocado em pauta a discussão das conexões entre as culturas, da pluralidade de saberes e fazeres e das diversas leituras que se faz, tornando diversos espaços como locais de expansão do horizonte cultural e educacional do jovem, transpondo os muros da escola e provocando rupturas no processo formal de Educação.

Normalmente, as escolas tradicionais trabalham com um modelo de ensino-aprendizagem no qual o conhecimento é dado como a aquisição de informação, e como ela será usada dali em diante. Levada a repensar seus espaços e seu papel, a escola tem sido questionada quanto a seus espaços, tempos, relações e métodos. Os educadores já não são possuidores de todos os saberes, aliás, as informações, oriundas das mais diversas fontes, diluem-se com a mesma fluidez com que se apresentam. Este tempo exige outros modos de conhecer, de pensar e ensinar. A excessiva compartimentalização do saber na contemporaneidade coloca as disciplinas como realidades estanques, sem interconexão alguma, dificultando para os alunos a compreensão do conhecimento como algo integrado. As

¹ O termo "Circo Social" surge na década de 1990, caracterizando as escolas de circo que têm cunho filantrópico.

práticas de ensino da escola tradicional, de ênfase teórica e descontextualizada, perderam lugar para estes novos espaços educativos,

[...] nosso sistema educacional nos torna incapazes de conceber a complexidade, isto é, as inumeráveis ligações entre os diferentes aspectos dos conhecimentos... Nossa formação escolar, universitária, profissional, nos transforma a todos em cegos políticos, assim como nos impede de assumir de uma vez por todas, nossa necessária condição de cidadão da terra. (MORIN, 2001, p. 12).

Morin (2001) considera, ainda, a necessidade urgente de se reformar o modo de conhecimento, o pensamento e o ensino. Segundo o autor, “a reforma da Educação pode ser feita em cada sala de aula e seu verdadeiro papel é preencher a vida, é despertar para a filosofia, para a literatura, para a música, para as artes”. Logo, transpor o caráter multicultural das sociedades contemporâneas e as contradições e demandas provocadas pelos processos de globalização para o desenvolvimento curricular constituem, atualmente, um dos problemas pelos quais passa o nosso sistema educativo. Outro grande problema é proporcionar aos jovens conhecimentos imbuídos de experiência, ou seja, teoria e prática para se transformar na práxis que dará a eles as competências e as referências, para atuarem no mundo como cidadãos.

Larrosa, em *Pedagogia Profana*, também nos convida a refletir sobre o caráter moral do discurso pedagógico, sobre o caráter sagrado que o constitui, da ausência do riso nos livros de Pedagogia e nas instituições de Educação, nos propõe a repensar a escola, a aula, o fazer pedagógico e a formação do professor, e nos convida a fazer uso do riso, utilizando-o como dispositivo eficaz para a dessacralização da Pedagogia. “E há momentos em que uma aula se parece com uma igreja, com um tribunal, com uma celebração patriótica ou com uma missa cultural. [...] Somente uma escola completamente secularizada e não moralista poderia permitir que o riso se infiltrasse por toda parte.” (LARROSA, 2010, p. 172).

Ora, se temos como certo que a escola precisa se relacionar com a cultura do presente, de que precisa abortar dos seus espaços essa prática de adestramento, é preciso, pois, pensarmos em um entre-lugar de diferentes culturas e lógicas, em que jovens possam se (re)significar, fazerem-se críticos e criativos, dialogando e afirmando sua diferença de pensar, de dizer, de escrever e de ler o mundo. Este espaço, este entre-lugar, tem, hoje, no Circo Social, aporte. A juventude urbana contemporânea encontrou nesse projeto a possibilidade de perceber a cultura não como fruição passiva, mas como perspectiva de alternativa, de produção autônoma e como uma forma de organização.

Em Teresina, alguns projetos têm se destacado: a Escola de Circo Pé de Moleque, a Escola de Circo Zoin, e a Escola de Circo Vivendo e Aprendendo. Atuando em diferentes zonas da cidade, esses projetos vinculados a ONG'S, resultantes do conagraçamento entre cultura e Educação, observado no conjunto de práticas sociais e culturais, têm concretizado a prática de uma Educação que aposta nas múltiplas linguagens circenses. À essa multiplicidade pertencem manifestações como tradições orais – o narrar, o cantar –, o dançar, conhecimentos e as práticas de se relacionarem com a natureza e com o universo, habilidades artesanais e performáticas. Para a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), esse tipo de conhecimento baseado no corpo humano é caracterizado como “herança imaterial da cultura”, essencial para estabelecer uma nova relação entre aprendizagem e ensino.

A arte-educação, no Circo Social, torna-se, assim um método pedagógico no qual, através da aprendizagem das disciplinas circenses, é possível encontrar valores e desenvolver capacidades ligadas à prática específica do circo, quais sejam: superar os próprios limites; saber lidar e enfrentar riscos; melhorar a autoestima, a mútua confiança, a atenção pelos outros e pela segurança, o autocontrole e a disciplina.

As organizações que trabalham com Circo Social, priorizam a autonomia do educando, e utilizam o espaço e as técnicas circenses e todo o cabedal lúdico trazido pelo circo, como instrumento de representação das possibilidades que podem se abrir. Segundo Fátima Pontes, da Escola Pernambucana de Circo,

[...] o circo tem um elemento fundamental que é o desafio. É a Pedagogia do desafio. O cara vai para casa feliz porque aprendeu a fazer malabares com três bolinhas e fica excitado porque vai aprender a fazer com quatro. Isso é o desafio e é o sonhar. E a gente trabalha perguntando a eles 'e agora?'. No fundo a pergunta é: quais são as nossas responsabilidades como educadores, é educar por educar? Ensinar não é só transmitir conhecimentos, como dizia Paulo Freire. Depois que o cara tem a técnica e aprender tudo, o que ele vai fazer com isso?² (PONTES apud OLIVEIRA, 2012, p. 14).

Retornamos aqui a questão dos desafios atuais da Educação: a escola precisa trazer aos alunos as competências e as referências para atuarem no mundo como cidadãos. A questão da perspectiva de futuro é inescapável, uma vez que, seja no Circo Social ou em qualquer outra

² Entrevista concedida ao jornalista Fausto Oliveira para a Revista Proposta nº 115 – no artigo “Circo Social : uma rede pela autonomia Juvenil”. Disponível em: <<http://www.fase.org.br/v2/pagina.php?id=3286>>.

seara, trabalhar com jovens significa um confronto com projetos de futuro. Ainda segundo Fátima Pontes,

[...] é legal dizer a eles que podem ser circenses, atores, músicos, que eles podem ser qualquer coisa, mas perguntando sempre: que tipo de pessoa você vai ser na sociedade? O circo põe o garoto para refletir de onde ele vem, para onde vai, de onde fala, o que fala, para quem fala e porque quer falar o que fala. Onde ele quer chegar? (PONTES apud OLIVEIRA, 2012, p. 14)

Percebemos, nessa fala, uma prática pedagógica diferenciada, por caminhos menos programáticos e ideológicos. No lugar do discurso e da racionalidade pedagógica já conhecidos e rejeitados por parte significativa da juventude, o projeto Circo Social traz a afetividade, a aproximação, o deixar acontecer como postura de radicalidade em favor da autonomia dos sujeitos. Cláudio Barria, coordenador da ONG Se Essa Rua Fosse Minha, do Rio de Janeiro, atua no Circo Social e também discorre sobre as opções metodológicas de sua instituição.

Um dos elementos é que o trabalho com jovens no Circo Social não é a partir de um discurso político ou ideológico. A gente não junta os jovens para dizer o que é o certo, o que é a cidadania etc. Na verdade, o corpo, a afetividade e a relação construída nesse fazer de Circo Social é que vai gerar novas formas de pertencimento e estimular nessa garotada e em nós um tesão por reler o mundo. E esse tesão por reler o mundo é que permite mudar o mundo”.³ (BARRIA apud OLIVEIRA, 2012, p. 14)

Constata-se que, com o surgimento do Circo Social, ocorre outra transformação nas práticas culturais juvenis, produzem-se novos comportamentos, novos saberes. Em face deste quadro, que subjetividades vêm sendo produzidas nas práticas de Circo Social? Como se dá essa apropriação por parte dos jovens que tomando a finalidade “preventiva” da arte-educação e da assistência social do projeto o transforma? Como se tecem essas relações? Como se dá a articulação entre os diferentes saberes e como, apesar de se unirem, mantêm suas especificidades?

No Circo Social, a horizontalidade entre educador e educando é favorecida, seja pelo fato de que, por tradição, a transmissão dos saberes se baseia na oralidade, seja porque o ensino e a aprendizagem das técnicas circenses acontecem por meio das experiências vivenciadas através do corpo, que precisam ser compartilhadas entre instrutor e aluno. Na

³ Entrevista concedida ao jornalista Fausto Oliveira para a Revista Proposta nº 115 – no artigo “Circo Social: uma rede pela autonomia Juvenil.” Disponível em : <http://www.fase.org.br/v2/pagina.php?id=3286>

maioria das vezes, ver o instrutor executar o número torna-se, para aluno, muito mais profícuo do que escutar uma descrição de como tal número deveria ser desenvolvido. O ensino das técnicas circenses, então, não acontece de maneira expositiva, mas através de uma troca contínua de experiências.

Através das atividades de arte circense: malabares, saltos, piruetas e cambalhotas, o jovem inventa novas possibilidades de vida e desafia os problemas e obstáculos que surgem, potencializando cada vez mais a compreensão do seu estar no mundo. Para além da determinação e da persistência, podemos perceber que a experiência educativa, quando aliada aos conteúdos basilares do Circo Social, e construída a partir de diálogos com os conhecimentos e protagonismo desses jovens, pode produzir nas escolas o encantamento de que precisamos para fazer dela o lugar prazeroso de se estar.

Pedagogia do Riso

“Depois de algum tempo você aprende a diferença, a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma... e aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens... Poucas coisas são tão humilhantes e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso.”

(O Menestrel, de William Shakespeare)

A ação cultural atua em espaços de conflito e de luta política e contribui para a reflexão crítica e a construção de formas de expressão que visem à superação das condições vivenciadas pelos jovens. Assim como o trabalho pedagógico, a ação cultural não se situa num campo neutro. Paulo Freire (2003) recomendou aos educadores brasileiros: “Escrevam Pedagogias e não sobre Pedagogias”, incitando-nos a desenvolvermos métodos e técnicas adequadas para lidar com a diversidade. A proposta do Circo Social se reveste de um trabalho pedagógico que utiliza a arte como prática reflexiva, como processo de reflexão sobre o conhecimento, ou seja nos métodos e técnicas, nas rotinas construídas, nos exercícios, nas brincadeiras, no riso estão conhecimentos implícitos que permitem uma nova compreensão de mundo. Cria-se a partir do processo de reflexão-ação, condições favoráveis à transformação das diversas situações enfrentadas em seu cotidiano.

Educar com circo é apostar na alegria e recuperar todo o potencial civilizatório de uma arte milenar, que desde suas origens teve por base a diversidade, a aceitação do outro, o sentimento do fantástico e do mágico, a

superação dos limites, a convivência e criação coletivas e acima de tudo, a brincadeira e o jogo levados a sério. São estes alguns dos elementos que baseiam a concepção do Circo Social. O Circo Social sonha com um mundo diferente, integrado e solidário, que se aceite como o que é: o lugar de todos: redondo, itinerante e a céu aberto. (RCM/BR)⁴

O verbete acima mostra que o Circo Social é um convite a um novo trabalho pedagógico, a um trabalho em que nos lancemos à dessacralização do fazer pedagógico, de revisarmos nossas práticas, de repensarmos a escola e de exercitarmos o pensar no sentido de intervir com a nossa prática (política) no mundo para transformá-lo e, nessa direção, impõe-se a coerência ético-política no cultivo do diálogo verdadeiro, das experiências éticas e estéticas, que requerem condições reais para efetivarmos novas práticas culturais humanizadoras.

Os sentidos e saberes circenses são constituídos pouco a pouco nos saberes corporais e embora haja o rigor técnico, o movimento que eles produzem, estimula o conhecimento de si, estimula e provoca, ainda, o reconhecimento da importância do binômio corporeidade/identidades como trampolim para transpor os obstáculos. Se, para nós, Educação é a mola que impulsiona o ser humano para o ser mais, para a busca da realização pessoal, da tomada de consciência de si mesmo e do mundo que o constitui, talvez esteja aí o devir da Pedagogia.

É, ainda, um convite a entender que o riso e a alegria mostram a realidade a partir de outro ponto de vista, desnaturalizando o que é dado como convencional, que esta nova linguagem destitui o fatalismo conservador, rompendo com o ceticismo que adormece nossas escolas. Eis, pois, o fazer da Pedagogia do riso, como propõe Larrosa (2010), que eu, como docente suscite o bobo que existe em mim. Isso mesmo! Aquele personagem inteligente, atrevido e sagaz que se vestia com roupas espalhafatosas e com chapéu de guizos nas cortes europeias da idade média, declamando poesias, dançando ou tocando algum instrumento. Encarregado por entreter o rei e a rainha e fazê-los rirem, mas que trazia para si uma imensa responsabilidade: dizia o que o povo gostaria de dizer ao rei e zombava da corte. Com ironia, mostrava as duas faces da realidade, revelando as discordâncias íntimas, expondo as ambições do rei, e apontando os vícios e as características da sociedade.

Como afirma Larrosa (2010, p. 181):

⁴ Verbetes de Circo Social construído pela Rede Circo do Mundo/Brasil – RCM/BR. Disponível em: <<http://www.escolapecirco.org.br/index.php/2012-05-28-20-05-18/2012-03-20-10-10-32/o-que-e->>. Acesso em: 08 jun. 2012.

O riso destrói as certezas. E especialmente aquela certeza que constitui a consciência enclausurada: a certeza de si. Mas só na perda da certeza, no permanente questionamento da certeza, na distância irônica da certeza está a possibilidade do devir. O riso permite que o espírito alce vôo sobre si mesmo. O chapéu de guizos tem asas.

A proposta de Larrosa nos remete para a necessária releitura do papel de professor no mundo contemporâneo. É preciso lembrarmos que tudo que existe em termos de realidades socioculturais são produções humanas. Assim o desafio está posto: como fazer de nossas escolas lugar potencializador de novos devires? Como estimular nossa consciência a fazer piruetas? Como desvelar os aspectos que constituem a formação identitária das juventudes? Como repensar a Educação a partir do par experiência/sentido? Não é tarefa fácil, nós, educadores, constituídos de certezas, de verdades, presos em tempos e fazeres pedagógicos instituídos, nos despirmos do discurso moralizante da Pedagogia e nos (re)vestimos de um novo saber.

REFERÊNCIAS

- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de Rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CASSOLI, Tiago. **Do perigo das ruas ao risco do picadeiro: Circo Social e práticas educacionais não governamentais**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense – UFF (2006). Disponível em < http://www.slab.uff.br/dissertacoes/2006/Tiago_Cassoli.pdf > Acesso em: 08 Set. 2011.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2010.
- _____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2012.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.
- OLIVEIRA, Fausto. Circo Social: uma rede pela autonomia Juvenil. In: **Revista Proposta**. n. 115. Disponível em: <<http://www.fase.org.br/v2/pagina.php?id=3286>>. Acesso em: 14 jun. 2012.